

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP

N216 Naporano, Fernando.

A agonia dos pássaros. / Fernando Naporano. Apresentação de Luiz Nazario. – São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2014. (Selo Demônio Negro). 100 p.; il.

ISBN 978-85-66423-14-3

I. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Título.

II. Selo Demônio Negro. III. Nazario, Luiz.

IV. Sobre a agonia dos pássaros. V. Rodrigues, Claufe.

VI. V. de Moura Mendonça – Livros.

CDU 821.134.1(81)

CDD B869.1

Catálogo elaborada por Ruth Simão Paulino

A AGONIA DOS PÁSSAROS

© **Fernando Naporano, 2014**

Editor

Vanderley Mendonça

Desenho gráfico e Capa

Vanderley Mendonça

Ilustrações

Jac Leirner

SELO DEMÔNIO NEGRO

V. de Moura Mendonca Livros

Rua Araújo, 154 - 2o. Andar - Centro

CEP 01220-020 São Paulo SP

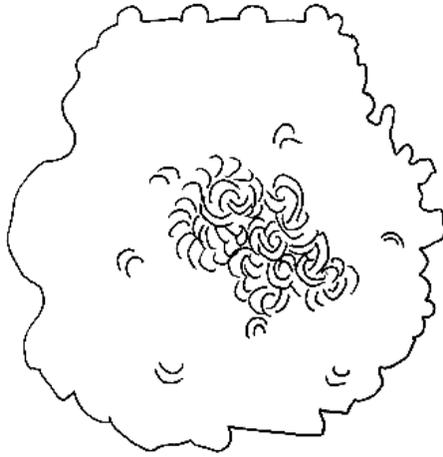
Tel.: (11) 5825.2372

Fernando Naporano

**A AGONIA DOS
PÁSSAROS**

SÃO PAULO
SELO DEMÔNIO NEGRO
2014

Este livro é dedicado à
Melanie Havens
e Melody Mystic Damasand (in memoriam)



APRESENTAÇÃO

LUIZ NAZARIO

Para quem não teve o prazer de conhecê-lo, Fernando Naporano é o nosso David Bowie, o nosso Morrissey. Ele evoca, não apenas fisicamente, dois dos meus ídolos pop favoritos. Na verdade, o líder da saudosa banda *Maria Angélica Não Mora Mais Aqui* e o maior conhecedor de música e colecionador de LPs e CDs do Brasil, sempre foi, antes de tudo, um poeta, na vida e na arte.

Quando nos conhecemos como críticos de cinema convidados a cobrir a Mostra Internacional de Cinema para a Folha de S. Paulo e o extinto jornal Viu – encontrei Fernando no MASP, onde deveríamos assistir a mais um filme abominável da Mostra. Ele vestia um macacão verde de plástico emborrachado, e se parecia com um astronauta loiro, uma *Space Oddity* em plena Avenida Paulista. Outra noite, nos idos dos anos de 1980, eu acompanhei Fernando até sua casa. Sua mãe, impagável, pediu-lhe que trocasse a camiseta que ele usava, com um desenho famoso do *Tom of Finland*, por “aquela roxa, com listras amarelas, que é tão bonita”...

Crítico de cultura, e crítico do mundo, Naporano é um gênio incompreendido. Viveu muitos anos em Londres e Los Angeles, entrevistou centenas de celebridades; foi correspondente internacional de jornais como O Estado de S. Paulo e Correio Braziliense e colaborador de várias revistas de música inglesas e americanas. Agora, Fernando Naporano deu à luz uma seleção de seus milhares de poemas inéditos: A AGONIA DOS PÁSSAROS, um verdadeiro colar de pérolas.

Como escrevi, a dedicação de Fernando à poesia é antiga. Lembro que, em 1987, quando eu ainda morava em São Paulo, na casa de meus pais, na Vila Mariana, Fernando levou-me um calhamaço de poemas, em páginas datilografadas, para que eu fizesse uma leitura crítica. Para facilitar o trabalho, coloquei as folhas soltas na mesa da sala e, com tesoura e cola, pus-me a editar os poemas, reduzindo as trezentas páginas a umas cinquenta, que considereii publicáveis.

Gostei muito de um poema seu, que eternizava nosso horror a São Paulo, terminando com o verso: “...E as ruas tombando pelo chão...”. Fernando não se esqueceria do dia fatídico em que lhe devolvi os restos colados dos manuscritos datilografados. Não sei o que imaginou que eu iria fazer com seus poemas, mas de certo nunca passou-lhe pela cabeça que eu pudesse editá-los fisicamente. Porque ele não tinha outra cópia deles!

Tampouco havia passado pela minha cabeça

que ele me confiara os próprios originais. Essa imprudência custou-lhe um trauma, mas eu não teria recortado e colado seus poemas se soubesse que tinha em mãos a única cópia deles. Hoje, temos os computadores, e editar um livro parece mais fácil. Tenho, porém, minhas dúvidas, pois o computador multiplica as cópias, e isso mais atrapalha que ajuda. Pode ser um inferno, e o fim de toda edição.

Com os anos, Fernando superou o trauma “simbólico” que lhe causei. E mais: acumulou mais livros inéditos graças à incompreensão de alguns editores, aos planos econômicos de sucessivos desgovernos que levaram editoras de poesia à falência e até ao incêndio numa editora que mostrara interesse em seus livros. Hoje, graças a uma editora de visão apurada, ele conseguiu publicar uma primeira seleção de seus poemas. Felizmente já não preciso cortar nada.

A AGONIA DOS PÁSSAROS é um livro quase perfeito. A poesia de Naporano atingiu a maturidade e seus versos foram depurados não por tesoura e cola, mas por uma vida de experiências extasiantes e doloridas. Estes são poemas densos, profundamente pessoais, e que se recusam, por isso mesmo, a pertencer a uma dessas categorias “badaladas” no Brasil: não são modernos nem modernistas, não são beat nem drumondianos, não são concretistas nem surrealistas.

São poemas naporanianos, que não poderiam

ser escritos senão por Naporano, que se alinha, por misteriosa afinidade, a outro mestre de sensações indefinidas, o compositor e poeta Morrissey. Não conheço ninguém que viva tão intensamente suas emoções como Naporano. Ele é um exímio mergulhador de almas. E seus mergulhos metafísicos e espirituais acabam se transformando na matéria de sua existência concreta. Fernando é capaz de passar dias sem dormir deambulando nas paredes da ausência até chegar ao fundo do poço, para ressuscitar em seguida num estalar de dedos.

Naporano identifica-se com o “sencionismo” de Álvaro de Campos, para quem “a única realidade da vida é a sensação” e “a única realidade em arte é a consciência da sensação”. Esse herdeiro moderno do *Spleen* baudelairiano não se cansa de percorrer todas as paisagens do romantismo, embora este seu livro – ele me segredou – não seja dedicado aos redemoinhos do amor-paixão, mas à distância geográfica na convivência com sua filha e às suas reflexões carregadas de tristeza ante a perda eminente de sua cachorrinha, quase uma outra filha, que ele cercou de cuidados por dezesseis anos.

Toda a existência naporaniana é feita daquela “nova sensibilidade” de que fala Herbert Marcuse em *A ideologia da sociedade industrial*, absoluta e à flor da pele. Por isso ele precisa viver mergulhado em abstração, em música, em cinema, em poesia, embriagando-se num sonho imenso, feito de muitos sonhos, em constante agregação.

Fernando Naporano também possui algo de Dom Quixote, cavalgando nos campos de morango da cultura pop. Seus romances de cavalaria são dezenas de caixotes de LPs e livros que pesam dezesseis toneladas – como num eco de 16 Tons, de Tennessee Ernie Ford –, e que ele carrega para onde quer que se desloque em residência provisória – de São Paulo a Londres, de Londres a Los Angeles, de Los Angeles a Londres, de Londres a Florianópolis, de Florianópolis a Curitiba, de Curitiba a São Paulo, e assim por diante.

“Não tenho raízes, tenho pernas”, dizia Fernando Arrabal, e o nosso Fernando compartilha da máxima, acrescentando: tenho pernas, e dezesseis toneladas de discos e livros. É um eterno errante, como os antigos judeus e os verdadeiros poetas, cujas únicas pátrias são a palavra e a imaginação.

A cultura musical de Fernando também pesa dezesseis toneladas. Mas no Brasil poucos se interessam por cultura. Por isso os pássaros agonizam. Pasolini constatou a dor mental que invade todo verdadeiro poeta no mundo pós-moderno: “A morte não é não poder comunicar, mas não poder mais ser compreendido”. Essa dor lateja em cada verso de Naporano. Como ele bem sabe, em nosso mundo pós-moderno não há mais espaço para uma criação crítica. Não porque criadores e críticos tenham desaparecido, ou deixado de criar e criticar, ou de publicar suas criações e suas críticas. Mas porque suas angústias e suas verdades – as únicas que

de fato deveriam ser o objeto das atenções - não repercutem mais, foram afogadas em oceanos de mediocridades e soterradas por montanhas de banalidades. E se nada do que realmente importa é importante para o mundo, a existência física deste livro é para o poeta e seus leitores um bálsamo e um alívio, um movimento sutil contra a corrente, uma faísca de vida inteligente que ainda se arrisca.

LUIZ NAZÁRIO é escritor e professor de História do Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, autor de diversos livros, entre os quais *A cidade imaginária* (Perspectiva, 2003), *Todos os corpos de Pasolini* (Perspectiva, 2007) e *O cinema errante* (Perspectiva, 2013).



NA SÓRDIDA PERIFERIA DA CLARIDADE

I

Às vezes bebo as lágrimas
dessa distância
num trago só
na dourada taça
do inconformismo selvagem

II

Ai saudade, escutai-me,
faça o possível
para não se mover
tanto

A ausência, restaurada,
basta!
transitando, velhaca
em seu rosário
de mesquinho cântico

Saudade, tente ao menos
não ferir
induzir-me ao pranto
com a separação acintosa
das imagens
de cada ano

nesse lamaçal diamantífero
onde me afundo
quando conto quanto

DESERTO SEM FREIOS

Essas noites
fixadas em angústia
-asfixiadas
em tempo soçobrado-
se enfaixam
de amanhecer

No branconírico
da plenitude fugente
da insuportabilidade
ai madrigal broxa
em lírio maiúsculo (!)

sacudindo
o lustro sexual
de sua cintura devassa
mas renitente na fala
pouco dada
em despentear intenções

Mesmo assim, cá estou :

espectro erguendo-a
ping pong de ferro
e gesto

gritando pelos fundos
de sua cor
e princípio

De que adianta ser lago
a transitar exercícios?

AO SOL, ANTES QUE PARTA

Dedos da ordinal sombra
me fazem um cafuné

Saudadeavestruz
se recolhe,
arde
no fogo da terra

e o gosto da chuva
se entranha
a priscar
até a medula

Na polpa
desse ar
viro-me
de veste a oeste

Soul-me selvático
deslumbrado ditirâmico
à simples espera
da cruz de ciclone

para aprender a rezar
por tudo nominado sobra

CICATRIZ VISTA ATRAVÉS DE ALGA

Enquanto e quando
em cinza-estiolado
vejo
na densidade marítima
do vazio
algo imagem
algo que bate

Ah! É a tristeza insurgente
um tanto farta de si
assim...
... põe os punhos no queixo
resoluta (!)
a fitar-me

Sabe, em velado cinismo,
que falta húmus
para enterrá-la

Sabe também
que a impressão
mais violenta
funda
deixada
em meus sentidos
é a saudade

e a intensidade
de halo
de resíduos aéreos,
madressilva podre

onde ser a fundo
mais triste
insulso
é domínio absoluto

além da estiagem
é pancada
é quase
(cinzel de)
Arte

QUASE PRECE, A LATEJAR

Não, não fique assim parada
tome lá
essa minha decepção
-ela contém dores em transe-
segure firme
essa tralha pesada

faça alguma coisa (!)
faça dela o que quiser

Observe, por gentileza,
na densidade transparente
do ar
essa angústia
de piche fervente
a abrir braços sem cessar
até sentir-se ave
ave sem lugar

Não me deixe assim
exposto à saturação
da luz vespertina

Vai, por favor, juro que me calo,
ofereça-me um sul
ou uma semente
do espaço

Não me desmanche tão só
com este ramalhete de seixos
de fel turquesamarelecida
de flagelos colecionados
que não tenho
a quem doar

O OURO DO SILÊNCIO, A QUEIMAR

O silêncio roxo
a por pernas, penas, pedras
dentro do peito

a me socar de dúvidas
muitas, cínicas, de viés

Hora de gritos
em que as lembranças
saem de seus feudos
anavalham
meu rosto de ar

Esta saudade
a subir, de joelhos,
a escadaria de cristal
que conduz ao busto
de seus quatro anos de idade
(quando – desde então - lhe perdi)
um angorá
a gargalhar, a miar
mijar nas paredes da demência

Aiii,
minha margaridinha de areia,
por misericórdia,
queime os meus olhos

faz-me inteiramente cegar
diante da escada

que enrolou-se (quase agorinha!)
em espiral

(em sereia sobrevive)

prestes a se suicidar

CRAVO DE GIZ NO REENCONTRO

Quando em ah-enfim
nos reencontramos
já era tarde, muito tarde

As centenas de dias desabitados
se insurgiam
com cicatrizes, fantasmas de preces,
uivos, deformações, bolor
e horríveis destroços
de sonhos

O incontrolável pânico da ausência,
vividíssima
de cabo a rabo,
tomava conta
do que os meus olhos viam
e os seus de nada se apercebiam

O veneno da saudade
havia se infiltrado até os ossos
o vírus da distância
alastrado por todo o corpo

Por isso fiquei calado,
ai-tão-calado,
naquele momento
coitado
que nascia já acabado
com a auréola de durar quase nada

Falsidade extrema,
sorrir
entre tanta efemeridade
fingir
que brotaria uma tulipa
no deserto
aceitar
as ilusões dos anjos do contágio

Por isso
preferi deixar cair ao chão
nosso longo, louro, abraço

para depois pisoteá-lo
como uma beleza amarga

e caminhar de volta
à Fortaleza da solidão
onde imaginava e imagino
o grande nada
que restou de nós

(a catarrada abrupta
num poço fundo)

TELA NEGRA COM BRASA DE
CIGARRO AO CENTRO

No momento em que o crepúsculo
inflama, avança,
se lança
comendo todas as arestas de luz
minha retórica
encolhe tudo o que sou
entre despedidas, fossas, estertores
e retorno ao meu segredo,
o inferno

Mas, lá não sei o que fazer
de tanta dor
a deambular, a rolar
até confrontar-me com a morte
de todas as coisas aprendidas

Por conseguinte
cabe à agonia
tirar sua camisola rapidinho

acomodar-se
entre o frescor dos lençóis

e brilhar, brilhar
brilhar feito louca
no vivo, lívido negro
do escuro

SOÇOBRA DO DOMÍNIO

Ah! essas palavras
que me chegam do céu
vêm cheias de pó

Não as ponho
no papel
nem tenho energia
para limpá-las

Já basta o irrecuperável
ah, a época
das frases soltas
sem muito apego
dos versos anacrônicos
suados de neve

dos meus tempos de menino
em que contava
quantas casinhas
os reflexos das nuvens
faziam no mar

Já bastam as muitas
outras palavras
que vivem rente à terra

Eu as sei de cor
não tenho medo
de pisá-las
ou matá-las

Decorei também os poemas
ao íntimo dos oceanos
- que nunca serviram para nada -
onde aterrados
apodrecerão
com o passar dos séculos

DO SOLO DE SILÊNCIO

Era assim
graveto de vida qualquer
Heráclito com um isqueiro
entre os dedos

Eram traquinagens
do antigo coração
espatulado de violeta

Era o repouso
da face branca
coral do dia
o inescrito
que jamais precisaria
ser dito

Era tudo
um pouco assim
não é mais (!)
Entenda, entenda
alma parada
que nem a raio
consegue andar (!)

Ai, acalma-te, Memória

já basta
essa poesia pobre

condenada ao silêncio

VIOLÊNCIA EM SER NU

Os elfos da imobilidade
gorjeiam entre as dunas
de nada com nada
na estupenda praia nula
do pensamento

A minuciosa devastação
do desejo,
oriunda dos tempos
em que ainda se andava,
encontra insondável leito
no rio de silêncio
que conduz a vida
para trás

Finalmente há coragem
em aceitar e assistir

a ilusão desfazendo todos os nós
da sua fábula de João e Maria

com a certeza contrária
de nunca mais haver regresso

SIGNIFICADO DE UM HIERÓGLIFO
EM LINHA RETA

Enquanto o vazio
trabalha em paz
entre alma e artérias
minha íris borda
um grito na paisagem,
instalação própria
a fantasiar
quantas seriam as araucárias
que quiseram se arrancar
de suas raízes

A linha que amarra
minha rígida visão
ao tronco desses caules
vagueia, vai
- em pulsações medonhas -
se inflando
de dias e mais dias
até formar
um lugar sobrecarregado
de intacta inutilidade

Evitando a qualquer custo
que a linha se rompa,
às vezes balbucio

uma mecha vocabular insensata
com qualquer-alguém
a passar em volta
dos nomes dos meses

É quase assim
sem qualquer propósito
que encontro Deus
a correr atrás de si mesmo
como um escorpião exausto
quase-delito, decidido
a aferroar a própria testa

OCUPAÇÃO DO ÓDIO, QUASE EM CONCLUSÃO

I

Na maturidade da raiva
não encontrava posturas cabíveis
que ousasse ofertar ao fracasso
- tremendamente a(l)tivo -
de ações, não-ações, anti-ações

Na negra mudez da expressão
os jogos do olhar
eram adereços estraçalhados,
águas fundas
tranquilas em suas insuficiências

O silêncio havia queimado
atas, atos, ataduras
privação que desembocava
na grande peste
de mim mesmo

II

Ai! Quanto ódio
desce ao peito isolado
gosto horrível de carvão
insuportável observação
desta lagoa
cheia de vogais interditas
com estrume de gemidos
ao fundo fundo

Palavras que eu possuía
- ora, eram minhas (!) -
estão a soçobrar
ao lodo das margens
a agonizar em riste
a traçar em prumo
miudíssimos suspiros
entre as carpas

As mais fortes estão mortas
sobrenadam quase apodrecidas
aos sons de espelho gelatinoso
que a água modela
para em diáfano tempo posterior
levá-las à decomposição,
oh liturgia dos fósseis

Afirmativamente, eu que as possuí
com desmedida convicção
vou ter com a covardia,
essa assassina enrustida,
sórdida feiticeira anil
que vive às custas
da impotência

Ah, e depois
em efeito, já bem feito, toupeira

vou ter com Novalis,
esse perpétuo porteiro
do vale doirado da alma,
e esbravejar
ao lado das papoulas cegas

que meu olhar
também foi "um piano de luzes"
mas não serviu para nada

COERÊNCIA KIERKEGAARDEANDO AO NADA

Entre o repouso dos martírios
e a audácia dos mistérios,
o adquirido direito
da loucura branca

Entre uma lasca de Coltrane
em azul grave-extenso
e as engrenagens dos dias
que se dobram invisíveis,
a dádiva em dessentir, dessegregar
as fibras, as falas
o tudo a bater asinhas em nada

Por fim, sim, picnic (!)
na galáxia das sensações desabitadas,
gasosas em inofensiva ansiedade
de veias marinhas bloqueadas
por lentas anêmonas catatônicas

Ah, conforto inigualável (!)
laquê expectorado
pela passagem do Curupira da lucidez
que inverteu a ordem do pensamento

e aplainou-me
- em alga como a oculta circundução
da seiva da pedra

em algo como a teima do que haveria
por dentro da resignação -
alto como a perenidade do sossego
ao longo do cipreste ininterrupto

Este é o esconderijo (!)
da serenidade em plenitude,
o consolo interno
em fixar os olhos
na nitidez
de tantos talentos do silêncio
na inegável luz
dos charcos desta água de manhã
que cega as razões
dos encontros esfiapados,
das passadas anotações cintilantes

oh pútrida purpurina (!)
que a insensatez
deixa tombar
quando
dissolve-se
em vazio

O FULGOR NA DESARTICULAÇÃO
DO PRESENTE

Ah, pertence à morte
essa (ainda) distância
que não ousou percorrer
Soberano na vivacidade do silêncio
cerro profundamente as pálpebras
escuto - em ébano - exalar o lago
abaixo das ilusões da vida
que fulguravam à base de cachoeira

Não me interessa nenhum pouquinho
esse tal oásis prometido,
ansiado pelos vendedores de sol
Foi a dor quem me ensinou
que mesmo a miragem súbita,
ao sibilar lantejoulas,
em seu dorso,
tem limites, muitos, por sinal

Que brote agora
o primeiro arrebol de minha infância
abarcado pela inocência a adivinhar
distrações, fugas, desenlaces
sombras abraçadas
colhendo a poalha do ouro
do ar de calças curtas
a separar o eu de mim

Que sejam estes os corredores
as salas, os quintais
das duas velhas casas em que vivi
Que reluzentes fiquem
os rostos dos familiares mortos,
oh fantasmas da lassidão,
a quem cedo velas para me assistirem
a dançar em compasso de vento
"Reach Out (I'll Be There)"
aos cinco anos de idade

Com a malemolência dos que desistiram
do presente,
em flutuações de pedrinhas
cicatrizadas de lodo
- a atar círculos concêntricos
ao longo do corpo -
abro as pálpebras
fito a Pedra,
nela respiro, esti(c)o-me
finco, cinzo em pensamento
a dedicação
em ser simplesmente Azul na dor
que enfim encontra a Paz vazia

Sabido a vácuo,
em sua futilidade inexplicável,
em sua procissão do indizível

renasço
entre o pintassilgo
que acabou de trinar
e o lento, alótropo silêncio
que ainda não se iniciou

Abençoada seja
esta, tenazmente esta (!), fração do intervalo

PARA RECOMEÇAR EM NATUREZA MORTA

Farto de lidar com a obra
que não se satisfaz
em seus acabamentos
recomeço a andar no escuso
de mim mesmo
receando encontrar
um outro, orientado deserto
que consiga falar de seus mistérios
ou superfícies lisas
onde costumam nascer
intrigas, coisas e até jacintos

Por isso retorno à caverna
das palavras sem pensamento
lá, diante da pedra fundamental
do vácuo em lourejante branco
de ausência a ausências
tateio a cor de mentol da página
onde nada se compõe
seja em métrica
ou princípio de teor

e há um medo esquivo
de que apenas eu
seja então
o poema que não se escreve

IN THE SILENCE OF HIGHGATE'S EYES

I
Pedacos do dia
arrancados como dalias
esmalte do que ficou
num mundinho
que durou muito pouco

Mãos espalmadas
encarando a face do céu
estabanadas, insensatas
tentando o livramento
do corpo estacionado

II
Agarro um gorrinho da tua infância
a lassidão da lá me transporta
a um parque em Highgate
onde estou desoladoramente só
xingando o tempo que te arruinou

Sensação de querer vomitar-me
ferir o vácuo internalizado
em riacho de argamassa
decorado por cacos de cristal
da própria saudade em ruínas

Sem mais saber sair daqui
desta laje quente

nesta asfixiada dor que não explode
vivo onde o eco de teu sorriso
foi incapaz de envelhecer

III

Em permanente retumbância
na tarde desmembrada
formo um amiudado anjo de sonho
rindo em tempo antigo

Cadeia eleita por calafrios
imobilidade ouroclara a cegar
imaginação da pedra
desprendendo-se de si

Highgate Woods, a lembrança cai
como perfumado raio
sem que nada o parta
na prata turquesa da obsessão

Nestas memórias em chamas
tua infância arde, criança-sabre
em cardume de rubis
imersos na aprofundada negritude

da inacessibilidade
e suas esporas de impotência

DIVAGAÇÃO COM TRAJOS AO CENTRO

Quando a saudade busca libertar-se
de seu significado
atolo no contexto precário
do conformismo
- entidade que mal suporta
o próprio espírito -
e fingindo ser dança
bailo, fulminado, assado
em clave de fel

Há uma violência exasperada
na oxidação, nos escombros
dos todos e tantos
- ah também dos cantos! -
do que poderiam ter sido

Toda a prudência ainda é pouca
para andar, avaliar
entre os múltiplos destroços que virei

Ai, há de tudo neste lixo
que já nem mais interessa examinar
certas so(m)bras, alguma utilidade
em preservar nas gavetas da ferrugem
as fotografias, os pequenos rabiscos
dos seus primeiros quatro anos

Há uma violência contida
nos olhos abatidos
dos fantoches dos remorsos
que instalaram o medo
numa então suportável convivência
entre distância e afeto

Há acima de tudo
a violência despropositada, incontrolável
no coração da culpa
a espreitar em roxíssimo ódio
a coleção inviolável
de brinquedinhos do Kinder Ovo
liricamente percorridos, perfilados
na decoração de sua infância

Quando a saudade tenta libertar-se
de seu significado
atola no exorcismo rudimentar
do poema,
exercício de deslembração, desconfiguração
que nunca encerra a própria intenção
mas sobrevive a duras penas
na agonia paralítica do tempo

NO PRECIPÍCIO DO DIA CLARO

Com a boca descerrada
pupilas vítreas nas ervas
- como se inalando
os vapores do abismo -
desistia da vida
- religiosamente! -
todas as manhãs

(Minha verdadeira vocação
era negar, repudiar
que ainda me perseguiram
as mesmas peças shakespereanas
do mar)

Com a boca aberta
íris embebida de branca monotonia
- monocórdico círculo concêntrico
que vagava do Onde ao Nada -
me largava à melancolia
que com seu canivete de tempo
e dedos de oxigênio
me iluminava

No sul deste quadro
entretanto, as vascas dos mosquitos
- quais espinhos acesos
em fístulas incuráveis -

nada mais eram que a saudade
a jazer em Jackson Pollock,
vítima borrada,
carmim-cinzel abstrato
de todas as futuras manhãs

dispostas ao Muro do ar,
nitidamente pichado:
"Cuidado!
Há coisas que são para sempre"

TRILHAS SURDAS DO INSONDÁVEL

Em cada nódoa de mofo do sangue :
odor dos desfechos mutilados
indefinição-ouropel transmutada em calcário
trituradas ágatas de despedidas
riozinhos secos por feitiço de outros braços
verde tão amarelado em musgo
cinzas de passeios que foram Mozart

a fonte azul sem regresso a tua boca
o sol do pão que anoiteceu

Tudo isso resiste, reside em limo
lume inarredável largado ao frio
que tem lá sua vidinha própria
em palpitações de puro abandono
um timbre diminuto, acuado
servil às transparências infernais do silêncio
sob tantas lâmpadas apagadas

pelo que não tinha de ser
por tudo o que poderia ter sido

DESPOJAMENTO EM SOL MAIOR

I
Penso o Claro
entre as duas mãos

Toco o coração do ar
a respiração em concha

Admiro a musculatura
secretamente anís do vazio

Imagino implodir-me
na brancura dos sentidos

(sangue e lama,
única conjunção dos olhos
quero me despedir de uma vida
que não consigo mais lembrar)

II
Subo rampas de átomos
idealizo a lápide
nas nuvens
de brancuralada

Repouso meu cancrofosso
ao último fiapo de sol
na roda do dharma
entrevista pela manhã
Tudo é mais, mais Branco
- oh limpidez pormenorizada -
quando as ambições
se vão para sempre

ONDE O VAZIO PENSA O CORPO

I

Amar em risca reta
exige demais
nem sequer distrai
a pernigrande dor
tornada Império Romano
nas antiguidades das glândulas

Ah, me esquecer numa trilha
em excessiva atenção
estaria quase de bom tamanho
sem pernilonguear o sentir
por onde não sinto nada
ou nadir de nada

(ah, mas isto tudo não passa
de um permisto devaneio
agora a cismar
em qual canto ou banco de mim
sobrevive a tal mágoa
neste instante assim escrito)

II

Por dentro vejo o silêncio
do próprio silêncio
um sorriso de folhas
fica perto da sombra

do orgulho dos sentidos,
algas que mal sabiam ser algas

Não tenho vontade mínima
de compreender coisa alguma
nem a citada dor
faz sentido ou sentinela
ao vácuo liberto, desperto
em montanhas azuis

Fomento a dimensão intocável
celebro ao longe
o que deveria ter sido
sorvo o sacro espaço
do vazio nutritivo
a quem nada peço

Alimento de corda
encabulada, amarradíssima
até o pescoço
até o prazer de sufocar-se
em escamas poéticas
para conseguir não morrer

DESTA BRANCA CAMA DE ÁGUA ESQUECIDA

I

Até a morte sabe morrer quando quer
de preferência, atada a uma rocha
em sinistra apatia, na ponta dos pés
sem semear limites ao rosto que habita
sem ocultar as maneiras de esquecer

Hipnotizada em salsugem, lapida-se de dúvidas
impede a soma, o silvo, a saliva
de qualquer ato decisivo
isso se é que o impulso da decisão
possa ser um zíper de camadas

II

A inércia toda exaltada
é mais traiçoeira que a angústia
ah, essa daí, até me rejeita
tão transitória e caleidoscópica
em meio aos que gostam
de pegar a vida nas mãos

A vacuidade das manhãs insolúveis
com todos purgatórios morais dentro dela
viola-me por completo
inseto-me, flutuo no que antes fora rio
na fartura perdida da hesitação
a chafurdar na brancura da náusea

III

(Não querer mais nada, nadinha
mas sem muita vontade de esperar
Assim ficamos? gramamos?
com o lento despertar a farfalhar
atrapalhando as folhas do sono?
Estamos quites, então?
algo ainda a fazer
em fiel costume de existir?)

-Ah, o tédio aparece (geladíssimo)
onde menos o imaginamos
tem a respiração de uma colina
dentro dos sorrisos do amor
ao lado de um coração de pérolas
perto, pertinho de beijos
como migalhas
no chão dos olhos-

(Suicidar-me seria lógico demais
me cansaria pensar a melhor forma
e por esta via tão manjada,
em Macário, a alma não some
e acima de tudo, por Sun Ra, juro
o que sempre mais quis
era dar um fim à alma,
auréola de sensações inúteis)

NESTE HOSPÍCIO DAS SAUDADES

Ouço com os olhos
as risadas de sua infância
os gestos miúdos da alegria
São estes, hoje
o tear e as tarefas da dor,
essa coitada,
que trabalha com as perdas
entre os dedos

Contra a luz tamanha
deste amanhecer de água
esmoreço a eclodir em breu
até o negrumespasma
revelar todas as suas idades
tapar a morte
de seu próprio trigal,
fenos que nunca ousou dizer

Com os olhos já surdos
encosto os lábios na terra
barro, gaguejar silvado
em recordações insuportáveis
douradas de formigas carismáticas
que quase em carmim, em fases,
adentram minha boca
cardo epitáfio para língua

((Assim Foi Que Aprendi A Irromper No Vazio))

NO PUÍDO DECURSO DOS QUE FALAM SOZINHOS

Concebo expurgar da ausência
o seu sentido
para que a destituição caiba
dentro de sua dimensão de ossos
e a escuridão adquira a mímica do sol
até implodir as artérias das lâmpadas

A falta de liberdade em poder ir
e voltar da eternidade
sem dar importância ao tato
é a grama de espinhos
onde o desconforto em viver
se traduz no silêncio da vida

Me esfrego todo, fe(i)to em toldo
nos tapetes do inconsciente
até o nada perder sua disciplina
até não mais tocar as coisas
com o olhar absorto
ou o roucoazul deixar a fala

(Eis a perversa perdição
da ansiedade
de cílios inexpugnáveis)

O tempo apanha toda essa pintura
com sua clara densidade infecunda
até que a solitudine engula
o fastio das árvores
por continuarem existindo como árvores
no imortal rosto de Sempre

NO MEIO DA LUZ DESERTA

Tento catar no pensamento
nacos do anisete desvanescido
de seus trajetos de infância
mas a sobra entre as unhas
é a luminescência frouxa, amarga
que a privação alimenta

Ciranda de aversões,
empinadas pelo brilho
do horizonte largado-lazulita,
se espalham, se urinam
nessas ondas
que deliram no mar

O espaço aberto
aperta-se em sua loucura,
mingua, presságio-miragem,
agarra-se à moldura
da interposição dura ao ar
de um Rembrandt qualquer

Ébrio de areia, afundo
por fora de tudo o que penso
não alcanço
a desesperada saudade estendida
sobro inteiro, desfeito
na praia onde o tempo não passa

A PEDRA, AMADURECENDO

I
Todas essas palavras
catadas do chão
(resvalando em pedras)
mica de conversas,
soluções sem metafísica,
vazadura de idéias,
murmúrios vasculares
da tarde

restos, enfim

são essas coisas,
essas traças, tralhas
que formam poemas
são elas
a aura da pedra

II
Ai, dói ao pensar,
lateja
o círio abstrato
da razão

Ai, pis, quantos, prantos
inumeráveis dicções
assomados pensamentos
nasceram

desta pedra
deste meu permanente
ascendente, veemente
olharesgrima à pedra

III
Tudo assim
tudo
dentro dessa pedra

É assim também
que a Dor
se sente em casa

Assim
a umedeço com lágrimas
(poucas bastam)
todas as manhãs
para sentir-me vivo

para amadurecê-la

até que um dia
não possua mais nenhum,
nenhum vocábulo

SOB A HIPÓTESE DA CONTINUIDADE

Incomensurável outono
sem hesitações
lento megatério
- até às raízes dos caninos -
a desprezar
a ignorar
a cal, o sal
da luz

Oh esterilidade fria
a exigir
a cometer, atingir limites
a trazer
malemolência ogival
ao entardecer grumoso
que não cessa
dentro do peito

Internalização de outono
a suar
a soprar folhas
que nada mais são
que os dias que espalho
lentamente com os pés
a troco de nada
com os trocos do tédio

Em trono de outono
a alma quietinha
a lavar
a queimar
o choro sem fuga
a reter
um monte de escombros
que escorrem do eterno
a ser
estátua outonal
com a ambiguidade
- intrínseca -
com o luar da flor
que talvez nem exista

Em outono completamente
conciso ou consciente
que o tempo
não é mais parcial
às esmolhinhas
que a razão cede de cócoras
mas ao regojizo da purificação
ao verde cinza branco desta grama
a perdurar imóvel
até que meus olhos de vidro
reflitam
a visibilidade
de todas as camadas
do silêncio

AO SAIR DO TEATRO DOS RESTOS

Frente a frente
com o encerramento
de uma peça do destino
tramava a fórmula
da regeneração dos desenlaces
que ficaram para trás
mas perdi o sensacionismo
nas esferas do desespero
que giravam
nos moinhos da ausência

Com um esforço
que fez arder os cabelos
invoquei a ilusão
de tornar-me verniz,
largar-me perdiz,
vestir a saudade
em sua nudez animal
ui, lancei-me à magia
das ternuras
ai, tantas, petrificadas

Aconcheguei o Longe
entre mãos trêmulas
como se fosse um beija-flor
muito, muito ferido
na própria nitidez
de suas cores
de seu poente pisado
na angústia conclusa
que ele não mais conseguiria
voar

LEGALIZAÇÃO DO INSONDÁVEL

De que adiantaria andar pelas lembranças
se, de tão decoradas, não dizem mais nada?
Seria ainda plausível doar ao sofrimento
o mata-borrão das marcas da distância?

Haveria ainda fugaz orfanato, olfato na pele,
capaz de inalar a salvação dos dias idos?
A eternidade saberia esclarecer seu sentido
pela mera permanência do carvalho milenar?

A carência - toda céu entre os braços do quarto -
se enfeita sob os arcos da impossibilidade
destrama a sensação em beleza de camelo errante
adia a hora com sua métrica indemonstrável

(ah, juventude onde fui lírico
flamingo diante da muralha das estrelas
a tricotar arranjos com os repeniques
que o coração mordiscava em versos
de febris lilases em marcha-ré)

Não há sinal de noção do futuro
mesmo a pluralidade ou a idade do impalpável
agora exalam um cheiro muito escuro
sem virtude em pular o cerrado cérceo ao fim

No átrio das imagens sem regresso
o combate inútil das éguas de água
mar ao teto que não desprende de sua raiz
a larga ferida incapaz de moldar-se

Sem aplicação possível a Saudade alaga-se
no prato, na queixa em que reside sua substância
que não envergonha-se das garras que tem

Resistir dentro dela ou morrer por ela
eis a permanente, indecente aflição
que nem ao vazio se redime

FINAIS SOB GYMNOPIÉDIES E FARELOS

(Oh dogma em reprisar-me,
tira-me daqui (!)
devolva os biombos da lua,
a inutilidade em Gnoissennes
- deterritorizada (sim) -
já é grandiosa demais)

Enquanto não sei muito bem
como fazer para perder mais tempo
a eternidade parece ter pressa
em algo faça a soprar nuvens
com o faro do silêncio
que nunca soube tomar às mãos

A exiguidade da paz é evidente
ir para frente ou para trás
dá na mesma vírgula insensata

O resíduo, em dissidente suplício
é a condição do gesto
a varrer os quartos da vida
com intensa vagarosidade
com o ritmo do fascínio
pelo cascalho que suspira na caligem

(Oh dogma em deixar-me
nas sibilções fundas,
imundas de silêncio
que ferem demais
os ouvidos do espaço, lasso
acaso em Satie)

OBRA LEVADA A EXAUSTÃO

I
Ardo-me em remorsos
por estrofes não escritas
em homenagem
à agonia dos pássaros
que emigram imprecisos
dos vales da noite
aos cenários sem equilíbrio
aos aspectos das cinzas

Ah, eles são apenas Um exemplo
desses protótipos
que voam, zarpam
com as asas em brasas

Consulto a bruxa
dos cinco sentidos
em clamor
em súplica funesta
- ao pé dos joelhos -
para que ela indique
um jeito simples e eficiente
de sair da existência

Entretanto o sexto sentido
é aquele que atrapalha
dissipa o efeito
do elixir do demônio

que as sensações
tragam do cotidiano
povoando a alma
com mais dias abandonados

II

Incólume ao cansaço
em fitar sombras movediças
regresso à relva ressequida
dos versos sem cabimento
dos ditirambos inválidos
aqueles convivas
da fronteira
dos despenhadeiros

que embriagados giram
a exigir aos berros
a presença
de minha mão inerte
para reescrevê-los
por mais uma vez

Os sentidos desses poemas
são apenas frases sem saída,
léxico em sordidez,
carrapatos amorfos
que chulam
suas determinadas lendas
verbos e vendas
que mal conseguem se mover

III
Por isso,
perplexo, fito
a
agonia
dos
pássaros

enquanto os dedos acompanham
o labirinto de imagens,
de mistérios,
de miosótis pisoteadas
que invariavelmente regressam
à metáfora
da magia poética

essa que não permite
decifrar
o rosto do arcanjo
a esperar
a anunciação do fim

ou (ainda) a mais adequada forma
de se morrer

SOBRE O MAR QUE TRAKL NUNCA VIU

Pensar-me Mar no mar
até ajuda secar a alheação

Ataviado no intáctil horizonte
entre a maré alta e a vazia,
a maresia cabisbaixa
cumpre lá suas coisinhas

e a espuma que é seu sangue
- com pinceladas de alga
em telas de ondas -
deixa submergir
gritos e gatafunhos fauves
como fossem desdenhosas gladiólas
do desconhecido

Prostrado, atirado entre céu
e gestação de tela

na tarefa de ignorar-me
no aprendizado em mergulhar
no Branco inabitado
do sensacionismo

Eis-me, assim quase Ungaretti
meio bobo, meio água
mijando estrelas de prata
no infinito

PARA LEVAR À TESTA O SABOR DA PEDRA

A Impotência quando
trina totalidade,
fende chumbo, em manto,
abriga-se na distância

Cheirando a suspiros,
caminha alada
sob o paul do desespero
entre o denso nevoeiro
das coisas perdidas
das lamparinas pisoteadas
antes mesmo
de acesas

A memória assenta-se
ao solo, ao salitre de cacos
mal suporta os rostos,
os trastes, os motivos
que carrega nas costas
sem ter para onde ir
sem comigo
suportar ficar

A impotência caminha, mia
na lucidez do sono do sol
a tecer seu novo sentido
de sina e sangue

(Enquanto isso
a inesgotável rigidez
do lado de fora da vida
tem o andar da eternidade,
essa canalha,
que para os que perderam
tudo (!)
possui um significado
muito diferente)

A AUSÊNCIA (QUASE) VARRIDA PELA INSANIDADE

Se a saudade conseguisse
esquivar-se do corpo
ou içar ócio em hiatos
os nervos da ausência
seriam trilhas, troncos
a receber
apenas o pouso dos pássaros

As fibras do destino
ficariam Brancas
em róseo amanhecer

A cauda louca da tristeza
não passaria
de uma nódoa expressionista

O hematoma, aberto
com maior facilidade,
sem sombra de causa
viabilizaria o retorno
à casa, até adonisada,
sem a demência
dos gritos mudos

CUIDADOSAMENTE, ENTRE ESPINHOS
DE EXTENUAÇÃO

Essa saudade me envergonha
quando corada me aprecia
com seus crimes audíveis
em cruéis gargalhadas de tempo

Distância, fonte que agoniza
jorra lencinhos esfiapados
lamenta não escapar
desse beco surdo
que fica verde-acre
entre sangue e espírito

(Sensação de lâmina de barbear
entre os dentes
mordendo isopor no bafo
quente da tarde)

A mágoa extenuada
quando nada mais tem a fazer
monta parques abandonados
dentro de mim

Alguns deles nem céu têm
são rostos ou roda-gigantes
que antes reluziam movimentos
e agora são vultos, fadas perdidas
uma edificante convivência
com restos a rastos

PAUL KLEE EM BÚSSOLA DE DESOLAÇÃO

Nas manhãs de gesso
cismas fuliginosas
dissipam-se em Nada

Coleções de impossibilidades
são tragadas
em distrações taciturnas

Este é o lugar da sede
como insetívoros, as palavras
mal conseguem respirar

- e entre gemidos,
uma delas, balbucia
s...a...u...d...a...d...e -

O vento incomoda
como um porco pegando fogo
com o desconforto no limite

- de tudo
que ao longe vive
em fuligem despovoada -

Temperatura oca rutila
em súbito fulgor de corte
no rosto seco da terra

É o tocar nas cartilagens
da Partida, no entretempo
dos cabelos aos pés

-é a herança das vidas
ah taças, tantas
levadas pelo suicídio-

Exposto a nu
como roseira negra
que não consente aroma

Nas manchas do gesso
vou perdendo os dias
com muita facilidade

STRAVINSKY, NIENTE ISTRIONE

Dilato-me na tortura da primavera
onde a coloração da chuva
ondula aprisionada
entre a neblina
e os melros morgados
que não zarpam dos galhos

Deusa é a vacuidade
estabelecida nas folhagens do ar

Na tentativa de conter o desespero
rumino se há alguma sensação
na grama que me abriga
no pinheiro que avista
o grito mais interno
do espelho cego

Cizânia, drink de tisanas
de mãos dadas com o inferno

O coração anela ainda um refúgio
contempla a terra
cobiça um mergulho vertical
para o berço
do mundo ilegível
a pura noite invisível do rosto

Na poalha, folhas quentes se debatem
até ficarem em carne viva

Resta caminhar em agreste
com essa maldita Atlântida
no páreo, no peito
com o ódio em riste
olhando para cima
atirando pedras em Deus

SOB(RE) O ESPLENDOR DA SAUDADE

A ligação entre eu e o dia
é mínima, alviste massacrada
se resume em sentar-me
ao chão do tempo
fitar a claridade da inércia
em sua altura viva

Estou onde árvores não acabam
existo como única permanência
a cravá-las na sólida harmonia
entre o silêncio
e as aparências, gris saliências
da eternidade rigorosa

Sem aspirar a mais nada
percorro-me completamente na ventania
com as pálpebras bem cerradas
avanço com uma praia imaginária
nas costas, na frente
dos desejos que perderam o rumo

Lá, onde suponho ser
a última estância da estagnação
onde o olhar não tem mais sabor
na derradeira etapa do aclave do carecimento
te encontro, nua como puro marfim
oh surdo reflexo do sofrimento!

ÁGUA DOBRADA SOB ABAJUR

Nos destruídos temp(l)os
onde Muito amava
recordo-me a vaguear
sem verbos nas mãos
mas com excessos arroxeados
entre as sobancelhas

O desejo do rosto impossível
era subversão interna
aquiescência quase materna
rebeldia que criava, matava
e até ressuscitava querubins
a qualquer preço

Compreendia o Inesperado
embora o maculasse de ilusões
fazendo névoa das faces
cirros, dos céus das bocas
hipnose com olhos mais densos
que os próprios punhos

Dentro dos outros
existia como um Magritte inédito
incaptável, plantando brasas
azul labareda do restolho
a me lixar
com as penitências à minha volta

Foi assim que adquiri
a violenta intimidade com a lama,
suas ranhuras, casos de vime na viscosidade
e quanto aos versos de Hölderlin
ah, essas orquídeas,
as mandava para os quintos dos infernos

SUSPIRO, AO ROSTO DO CLARO ETERNO

A sensibilidade faz-se deserta de si mesma
o cigarro enquadra o perfil
indiferente a quaisquer aproximações
a dor já foi escancarada ao mundo

e de todos-entre-tantos
que passaram por ela
alguém em ressonância dilática
disse : ei-la! esfarelada em calcário

Não há ninguém além do Muito-ar
com alvos ciprestes ao fundo,
o nirvana, todo envenenado,
contorna em revés sua sobrevivência

O aprendizado de queimar o silêncio,
fixar lentamente os pirilampos
por dentro do insuportável lume
da incompreensão, a perda de pétala

A existência humilhada diria Heidegger
parece agora ainda mais desfeita
nem a angústia se interessa
em sobrevoar a imensidão do mar

Vazio maior que todo o Vazio
eu, sentado, achado dentro de mim
com o lado (mais) sombrio da água
esfaltando o coração de ametistas

NO VACILANTE PUS DO TEMPO

Consigo sentir barcos e mais barcos
por toda a circulação das vértebras
nas enchentes do sangue baldio
no terror da distância
onde mora o horizonte

Estico as pálpebras de ilha
até encontrarem valia no vácuo
ou o abismo encher-se de sol

Este é o método para se respirar Alto

Na ramaria do ar, sobrevivo
às custas de imprecisões, rugas e poalha

SOB(BRE) A LIBERDADE DOS PACTOS DA VIDA

Toco o solo da saudade
inalo a estridente longitude
o torpor
da boca entreaberta
da penumbra

Até você, travessia de bÍlis,
senda de estrelas caindo aos pedaços
Oh, antigo pasto de luz
faminto e escurecido
pelo tempo

Toco a cintura do vazio
desarmada intenção
de consolo
gesto inerte
na incandescência do Nada

EXERCÍCIO DO DESTINO, SEM ISENÇÕES

Exiguidade brutal
mais funda ainda fica
perante o brejo ocre
inteiramente mudo
nulo a dizer
onde se acaba

Tento dar a mão ao céu
almejando ludibriar
a demência da dor

Esvaziada saudade
narcotizada entre dois braços
comunga com este segredo

Rastejando
escapo desse écran
pensando solo sáfaro
inteiramente surdo
com uma pedra
amarrada na íris

ÁGUIA SEM ORGULHO NIETZSCHEANO

Dor, águia embalsamada,
a envelhecer entre a verniz
que te sustenta
e a aridez que se fez
na linfa narrativa, lince aflitiva
das lembranças

Ouço a gélida imobilidade
desta desgraçada ave
cadáver guardado em mim
que em seus últimos dias de mar
cambaleava saracoteando
palavras desdoiradas,
outras asas
diáfanas lascas sem nexó

Águia-leque em arindevassável
fluente na intemperança
sórdida matança da cor
entre voos rasantes
no infinito céu descampado
que nunca existiu

VIOLENTA DISSIPAÇÃO EM ÓLEO IMPRESSIONISTA

Desarmado da fala
- saboreando a intensidade
de como dei as costas
à rigidez do entendimento -
engulo a brisa liberta
da fria
secreção dos mortos

Ah, ao longe azul-marinho
fui-me inteiro

aprendi com a célula do asteróide
a sabedoria do isolamento

nunca mais dei bola
aos aracnídeos
da suposta razão
do meio-dia deslumbrante

ou ao rascunho de emoções
que atravessava ruas vazias

Apalpei por fim
a pura distância
escavada, cingida
até ao vermelho da pedra
de cada pedra
Era a glória,
murmurava baixinho

o orgulho em girar
entre massas e mastros
de orvalho
na língua do vento
no lugar sem tempo

Era afinal, a liberdade
tal puma
tão incontrolável
em velocidade azul-clara
no herbário dos sentidos

do tamanho de uma Puta
estremecendo de alegria

A LEMBRANÇA NO DESPENHADEIRO

I
Após a travessia da paisagem
talhada ao seu lado
em treze dias

recolho
do coração desfeito,
a liquidez da penumbra
do trânsito do sangue,
sua proporção de buracos
crateras de lava gelada

em suma,
a soma amarga
que molda o corpo

Destarte, o inconformismo
se arrebenta, venta
no último vestígio
de teu olhar
com olhos
de despedida insular

Lascas intactas:
eu as atravesso
em fluir vagaroso

II
Toco
o espaço
da dissolução

onde o impalpável tédio
arde árido
arte em pústula
do passado infantil
de rosa-choque

A percepção da ruína
floresce
Na sala íngreme da relva,
enaltece
a saudade de diamante

III
Oh, rocha de arco-íris (!)
a torturar a sede criada,
deixada
entre o prazer vivido
e dissipado
em sobra dele mesmo

Assim, a lembrança
ajusta-se ao despenhadeiro
avista o horizonte
de águas enlameadas
deste território negro

de escarlate saudosismo
recolhe seus silêncios
recita o esbranquiçado gosto
das cartas queimadas

inicia sua viagem
ao vento da serra

carregando nas mãos
apenas treze dias
sob a mira
da audácia precisa
do nada

A NUDEZ DAS FADAS MORTAS

I
Eis-me imerso
em pacóvia infantilidade
desinfetando as purulentas chagas
desde a Inglaterra

contemplando
na raga da amargura
o pavão morto nas frases de brasa
usadas para te seduzir
o anzol de neon fosforescente
espatifado
no mofo das fábulas
a que você não deu atenção alguma

(Solução catando e esquartejando,
com muita raiva,
os sofismas das promessas
os sacis que encenaram minha vida

com resignação, o entendimento incolor
de que só o olho da abelha
conseguiu refletir
o incêndio das deduções)

II

Eis-me em sintaxe, síntese
na imaginação das cicatrizes
onde a máquina de tecer esperanças
e o termostato das sensações abstratas

se cruzam
na marra (!)
Por fatos da lembrança
se medem,
de norte a sul
sorvendo o horror
de terem existido
e a vergonha da despedida em suicídio

(Sangro a partir e por toda tua infância
ainda esculpindo
essa agenda tóxica
com a qual me enveneno

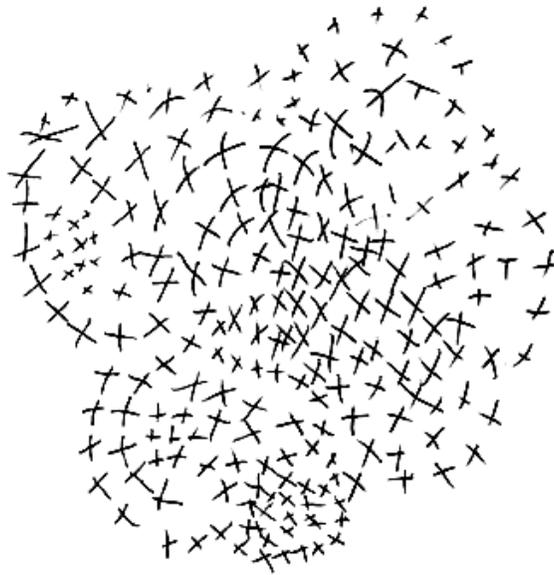
em releituras sem mais sentido
em covardias nascidas infeccionadas
em afetos estropiados
por palavras enterradas vivas)

O SILÊNCIO NA PELE DOS EXILADOS

Não consigo desenfeitiçar
o que fica por dentro da mágoa
nem transpor a rigidez opaca
com que ela se adorna

De nada me serve
o lodo úmido do sorriso
ou o multiplicado cobre-gris
que o exílio traz dentro de si

Enquanto a lua minguante
com fogo nas pontas
me afunda em sol menor
tudo o que mais quero
é seguir
o rutilado rito ruminante
do nada
entre os signos
de nada
com a mais linda estrela
do vazio
entre os lábios



SOBRE A AGONIA DOS PÁSSAROS

CLAUFE RODRIGUES

Conheci Fernando Naporano em 1978, num encontro informal de jovens escritores cariocas e paulistas no Posto Seis de Copacabana. Eu estava com tudo em cima para lançar meu primeiro livro no ano seguinte; ele, ainda um garoto, acabara de retornar de Londres e também planejava estreiar em breve com o livro *Estrelas De Gin*, época em que também já escrevia o anti-romance *Não Era Uma Loira, Era Uma Garrafa De Cidra*.

Em décadas de amizade, acompanhei de longe e de perto as diversas trajetórias de Fernando: o brilhante crítico de rock e cinema; o carismático e inspirado líder da banda Maria Angélica Não Mora Mais Aqui; o dono da melhor e mais completa discoteca do Brasil; o radialista que embalou corações paulistanos com o programa Blue Moon; o colecionador de loiras. Mas, e o poeta, onde se meteu?

Nunca imaginei que, tanto tempo depois daquele encontro no Cassino Atlântico, eu seria convidado a escrever a orelha do seu livro de estreia. O primeiro, finalmente! Por que a demora em publicar? De quem foi a culpa?

Nas entrevistas, Naporano contará as incríveis peripécias que levaram da boca da gráfica de volta às gavetas cada um de seus catorze livros inéditos.

Como haverá sempre oportunidade de publicá-los, prefiro destacar nestas poucas linhas o que realmente interessa: estamos diante de um raro poeta, ferozmente intimista e metafísico, eternamente inquieto, sempre em busca de novas expressões para a própria poesia.

Neste livro, o surrealismo de tempos atrás foi guardado em algum espelho; agora, são os tons expressionistas que recobrem a sua alma simbolista. E, a despeito das intenções do autor, um senso de humor involuntário e quase tísico respinga aqui e ali, oásis num deserto de dor, resignação e ceticismo.

De posse destes versos, podemos dizer com absoluta certeza que a vida continua – pelo avesso que seja – e que vale a pena escrever poesia, viver como poeta, correr todos os riscos.

CLAUFE RODRIGUES, poeta, jornalista e compositor, tem dez livros publicados, entre eles “Amor e seus múltiplos”, “Escreva sua história” e “Livro dos Camaleões”.

Agradecimientos

Fabiana Caso
Jac Leirner
Roberto Bicelli